

Distribuição, relevância e estrutura produtiva dos polos regionais do Rio Grande do Sul*

Jaime Carrion Fialkow

Mestre em Economia pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais, Pesquisador da Fundação de Economia e Estatística

Resumo

Este trabalho busca estudar os principais centros urbanos do Rio Grande do Sul, analisando a sua distribuição, o seu papel na economia estadual e a sua estrutura produtiva. As localidades analisadas destacam-se como polos industriais ou de serviços, com relativa heterogeneidade em suas escalas e estruturas produtivas.

Palavras-chave: Rio Grande do Sul; economia regional; aglomerações.

Abstract

This work intends to study the main urban centers in the State of Rio Grande do Sul, by analyzing their distribution, the role they play in the state's economy and their productive structure. The localities under analysis stand out as industrial or service clusters which display heterogeneous productive scales and structures.

Keywords: Rio Grande do Sul; regional economics; agglomerations.

1 Introdução

O presente trabalho busca analisar a estrutura básica das variáveis de produto e população dos principais polos econômicos do Rio Grande do Sul. O objetivo é entender como se comporta o topo da hierarquia urbana sul-rio-grandense, analisando sua estrutura, sua distribuição e seu desempenho em relação às demais localidades e uns aos outros. Existem diversas formas de se abordar a questão regional, e uma delas é analisar os principais centros eco-

nômicos — ou polos — de uma região, para entender suas estruturas, sua importância para as localidades próximas, sua distribuição e como eles refletem e determinam a distribuição do produto na região como um todo.

Desde o início da abordagem da economia como atividade localizada no espaço, o centro urbano, polo ou categoria semelhante esteve na análise. Em 1826, Von Thünen (1966) estudou como a economia de uma região se moldava a partir do seu centro urbano; em 1938, Lösch (1975) apontou que o crescimento econômico em uma localidade era capaz de gerar um processo endógeno que a levasse a concentrar a produção. Christaller (1966), em 1933, analisou como uma região era formada por centros urbanos de dife-

* Artigo recebido em 07 ago. 2014.
Revisor de Língua Portuguesa: Mateus da Rosa Pereira.

** E-mail: jaime@fee.tche.br

rentes tamanhos, com diferentes funções dentro do sistema econômico. Jacobs (1969) aponta como o urbano comanda o crescimento econômico e tecnológico por sua diversidade e pela interação entre diferentes agentes que propicia. As teorias de desenvolvimento econômico de Perroux (1967), Hirschman (1972) e Myrdal (1968) enfatizam que o desenvolvimento ocorre de forma heterogênea no espaço e que a concentração produtiva é importante para alavancá-lo. Essas teorias, entre outras, apontam a importância do centro produtivo e do urbano na distribuição da atividade econômica. No Rio Grande do Sul, mesmo com a importância da agropecuária — ou do complexo agroindustrial (Porsse, 2003) —, não é diferente. Assim, busca-se, neste artigo, realizar um panorama da estrutura desses principais centros produtivos.

2 Caracterização e distribuição dos polos

Existem diferentes regionalizações da hierarquia urbana do Rio Grande do Sul. Por lei, existem duas Regiões Metropolitanas (RM) no Estado: a de Porto Alegre (RMPA), atualmente com 33 municípios (Lei Complementar Federal nº 14/1973), e a da Serra Gaúcha, com 13 municípios (Lei Complementar Estadual nº 14.293/2013). Também existem duas Aglomerações Urbanas (AU) (Lei Complementar Estadual nº 12.100/2004): a do Sul, com cinco municípios, e a do Litoral Norte, com 20 municípios. Estas são definidas com critérios políticos, não representando as aglomerações urbanas de fato existentes. Além disso, não têm a intenção de representar uma rede urbana, e sim reconhecer as aglomerações em si. Grandes áreas do Estado e localidades importantes não estão representadas por nenhuma RM ou AU, tornando a definição pouco útil para o objetivo aqui proposto. Em trabalho elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística para mapear a rede urbana nacional, intitulado Regiões de Influência das Cidades (Regic 2007) (IBGE, 2008), Porto Alegre aparece como Metrópole Regional, Caxias do Sul, Passo Fundo e Santa Maria, como Capitais Regionais B, e outros centros, com menor hierarquia. Apesar de considerar áreas de concentração populacional em Porto Alegre e Caxias do Sul, e em Pelotas-Rio Grande, o Regic as utiliza dentro dos critérios legais de RMs e AUs, mantendo as dificuldades descritas acima.

Paiva, Alonso e Tartaruga (2010), buscando uma regionalização que combine os aspectos técnicos,

políticos e históricos, definem as polaridades de outra forma. A RMPA é dividida em dois polos, e alguns de seus municípios sequer são parte de algum deles. Outras situações — como Lajeado-Estrela, Passo Fundo-Marau, etc. — também abarcam aglomerações menores, ou municípios sem uma conurbação propriamente dita, mas com dinâmica econômica bastante interligada. Por esses motivos, essa divisão foi escolhida para fundamentar o trabalho. São quatro hierarquias de polos: na primeira ordem, está o polo de Porto Alegre, com 12 municípios. Há dois polos de segunda ordem: um centrado em Caxias do Sul e outro, em São Leopoldo-Novo Hamburgo, formados por cinco e 11 municípios respectivamente. Existem três polos de terceira ordem: os municípios de Pelotas-Rio Grande, Passo Fundo-Marau e Santa Maria. No quarto grau de hierarquia, há um polo formado por Cruz Alta-Ijuí-Santa Rosa-Santo Ângelo, além dos polos formados por Lajeado-Estrela, Venâncio Aires-Santa Cruz do Sul, Gramado-Canela e os polos de Bagé, Erechim, Osório, Santana do Livramento e Uruguaiana.

O Mapa 1 apresenta a divisão realizada no trabalho e a localização dos polos. Como apontam Paiva, Alonso e Tartaruga (2010), vários desses encontram-se na divisa entre regiões, nas fronteiras ou voltados para fora. Os principais centros urbanos do Rio Grande do Sul destacam-se como centralizadores das diferentes regiões do Estado ou delas com outras, e não como centros de uma região homogênea.¹ Isso indica que esses têm função não apenas de centralizar a dinâmica de uma economia local, mas de integrar economias locais distintas. Santa Maria, por exemplo, está na divisa entre as regiões Sudoeste, Sudeste e Centro-Oeste, exercendo sua centralidade sobre parcelas de todas essas regiões. O polo de Cruz Alta-Ijuí-Santa Rosa-Santo Ângelo tem municípios nas regiões Centro-Oeste e Norte-Nordeste, assim como Passo Fundo. O polo de Santa Cruz do Sul está na divisa da Região Centro-Oeste com a Sudeste e a Norte-Nordeste, enquanto Porto Alegre aparece separando as regiões Sudeste e Norte-Nordeste.

Tais condições não são fortuitas: Porto Alegre, Santa Cruz do Sul e Santa Maria, por exemplo, encontram-se na região de transição da Campanha para o Planalto, dividindo o Estado ao meio. Os polos do

¹ A regionalização do mapa é definida em Paiva, Alonso e Tartaruga (2010) a partir do Censo Agropecuário de 2006, com intenção de criar uma divisão com critérios técnicos comparáveis aos dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) e das Regiões de Planejamento.

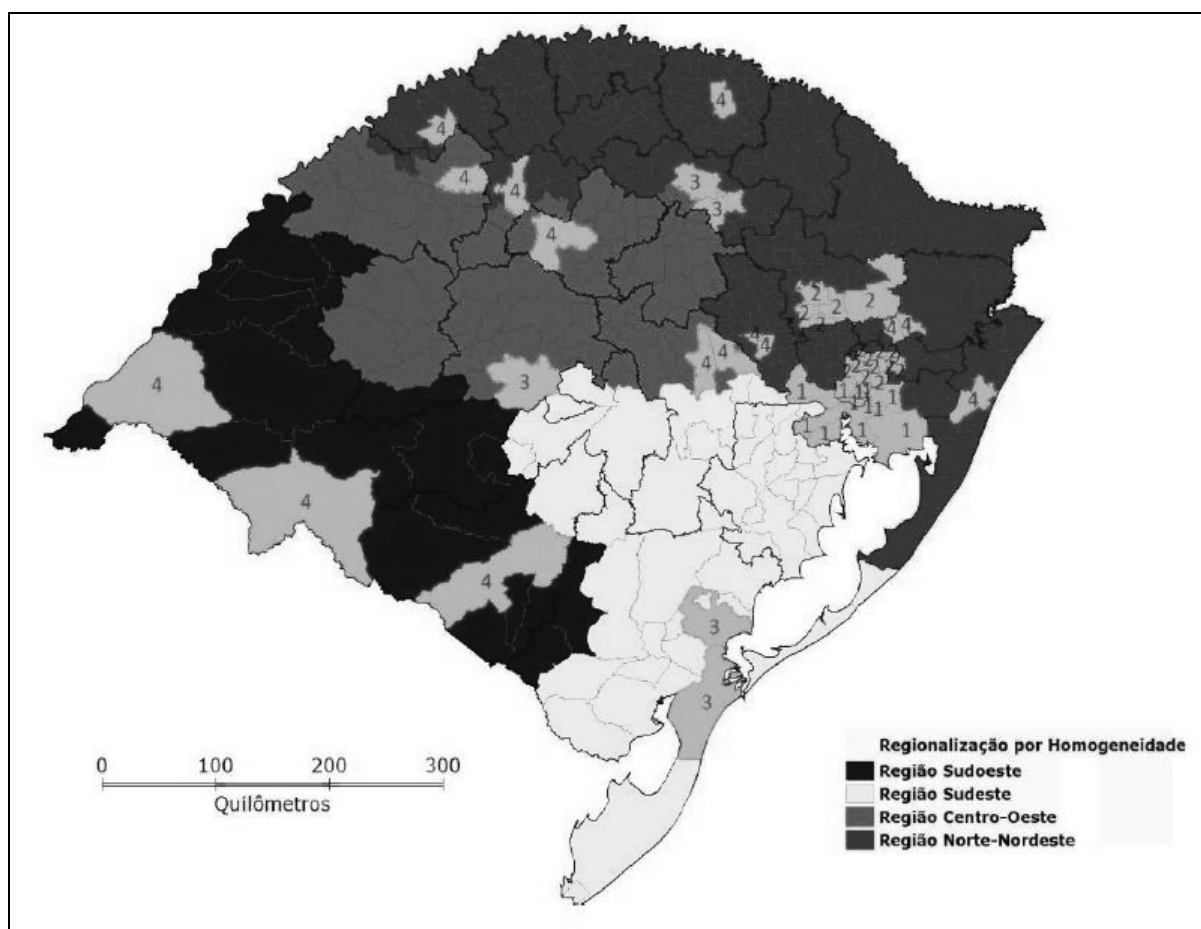
Noroeste e de Passo Fundo encontram-se na região de transição entre os campos do planalto a sul, e florestas a norte. Uruguiana e Santana do Livramento tradicionalmente são as principais fronteiras do Estado com a Argentina e o Uruguai, respectivamente, e Rio Grande sempre esteve voltada para fora do Estado a partir do seu porto. A formação histórica dos centros urbanos sul-rio-grandenses caracteriza-se, assim, como centros integradores de diferentes dinâmicas econômicas, nas fronteiras de suas regiões.

Chama atenção, também, a concentração dos polos de primeira e segunda ordem no nordeste do Estado. Em uma pequena porção da área do Estado, encontram-se os três principais centros urbanos sul-rio-grandenses, centrados em Porto Alegre, Caxias do Sul e São Leopoldo-Novo Hamburgo. Outros quatro polos, de quarta ordem, aparecem no entorno, indicando uma grande região entre Porto Alegre e Caxias, Santa Cruz do Sul e Osório que concentra as centralidades do Estado.

Passo Fundo-Marau e Pelotas-Rio Grande, polos de terceira ordem, encontram-se mais a norte e a sul, respectivamente, mas sua longitude os coloca ainda na metade leste do Estado, o último inclusive no litoral. No que seria a “metade oeste” do Estado, há apenas um polo de terceira ordem (Santa Maria), e quatro polos de quarta ordem, sendo três no sudoeste e um no noroeste. No caso do sudoeste, região com poucos municípios, com áreas imensas e baixa densidade demográfica, as três centralidades representam mais a escassez de centros urbanos de menor porte do que a força centralizadora das localidades que, por serem as maiores da região, concentram população e produto. No noroeste, a situação é oposta: em uma região com diversos municípios e maior densidade demográfica, onde vários centros urbanos pequenos e médios formam uma extensa rede urbana, tem-se apenas um polo, mas com quatro cidades — nenhuma forte o suficiente para constituir um polo por si só, mas em conjunto comandando a dinâmica econômica local.

Mapa 1

Os polos regionais do Rio Grande do Sul e sua hierarquia



FONTE: Paiva, Alonso e Tartaruga (2010).

3 Papel na economia do RS

Esses polos, que contêm 48 dos 496 municípios do Rio Grande do Sul, tinham, em 2010, 60,8% da população, o que por si só já mostra sua importância. Mais que isso, sua participação na atividade produtiva é de mais de 69,6%, mais que proporcional à sua participação demográfica. A parcela da população do Estado vivendo nesses polos vem crescendo nas últimas décadas, apesar de se comportar de forma distinta entre os diferentes polos. Na última década, destaca-se o crescimento dos polos de Caxias do Sul, São Leopoldo-Novo Hamburgo, de segunda ordem, e Passo Fundo-Marau, de terceira ordem; e a perda populacional significativa no polo de Cruz Alta-Ijuí-Santa Rosa-Santo Ângelo. Grosso modo, os polos de maior ordem continuam sendo os maiores atratores de população, com os polos de segunda atraindo mais que o polo de primeira ordem em termos proporcionais. Os polos de quarta ordem, por sua vez, em que pese a variedade de comportamentos, e um aparente arrefecimento ou uma reversão recente de uma tendência anterior de perda populacional, não se apresentam como polos com grande capacidade de atrair população, fenômeno que acaba se concentrando entre os polos de terceira e especialmente de segunda e primeira ordem.

Para a análise, foram selecionadas variáveis de população, Produto Interno Bruto (PIB) e Valor Adicionado Bruto (VAB) setoriais referentes aos polos e seus municípios, visando mapear de forma geral a sua estrutura econômica. Na análise geral dos polos, analisam-se a evolução da participação da população de cada um dos polos na total do Estado entre 1970 e 2010, a participação dos polos no PIB estadual em 2000 e 2010 e a participação do VAB industrial e de serviços (estes últimos separados entre administração pública e demais serviços) em 2010, visando mapear tendências no movimento populacional, na evolução recente do PIB, e a atual estrutura produtiva dos polos em relação à estadual como um todo (Tabela 1).

Enquanto a participação na população cresceu, a participação no produto decaiu entre 2000 e 2010, apesar de oscilar em torno dos 70% durante o período, indicando não haver grandes transformações nesse sentido. Entre os polos, no entanto, há mudanças maiores: Caxias do Sul, Pelotas-Rio Grande, Cruz Alta-Ijuí-Santa Rosa-Santo Ângelo e Santa Cruz-Venâncio Aires têm ganhado participação, enquanto os polos de Porto Alegre, São Leopoldo-Novo

Hamburgo sofrem perdas significativas. Cabe notar-se que esses dois centros urbanos, mesmo com desempenho econômico abaixo da média estadual, seguem atraindo população.

Polos com alto crescimento no período, como Pelotas-Rio Grande e Cruz Alta-Ijuí-Santa Rosa-Santo Ângelo, apresentam perda relativa de população no Estado no mesmo período. A centralidade de Caxias do Sul apresenta, entre 2000 e 2010, o comportamento esperado de um polo de maior hierarquia na rede urbana regional, usufruindo de economias de aglomeração, com crescimento acima da média tanto do PIB quanto da população, indicando uma dinâmica produtiva e demográfica de expansão da sua relevância dentro do Estado.

Como as atividades urbanas e o seu papel na economia estadual constituem o foco desta análise, cabe observar-se, também, a população urbana dessas localidades. A Tabela 2 mostra a população urbana dos polos em 2000 e em 2010, como proporção da população urbana e da total do Estado. No período, nota-se estabilidade na proporção da população urbana dos principais polos em relação à sul-rio-grandense, acima dos 68%. Em relação à população estadual total, a urbana dos polos representa, em conjunto, 58,1%, em 2010, mais de dois pontos percentuais acima do que apresentava 10 anos antes. Esses dados refletem um processo de aumento da taxa de urbanização fora dos polos, já que os municípios de maior porte não ganharam participação na população urbana, mesmo ganhando em relação ao total, mas refletem uma maior importância da urbanidade dos polos em relação ao Estado como um todo, com aumento na proporção de habitantes do Rio Grande do Sul nas áreas urbanas de seus principais polos.

Em relação à sua estrutura produtiva, os principais centros urbanos apresentam, como esperado, participação da indústria e dos serviços maior em suas economias do que nos demais municípios do Estado. Enquanto nos principais centros urbanos 52,2% do VAB são produzidos nos serviços (excluindo-se a administração pública), no restante do Estado 35,4% do VAB dizem respeito a esse setor. Apenas dois polos têm uma indústria mais importante que esses serviços: Caxias do Sul e Santa Cruz do Sul, caracterizando-se como centros industriais. Os demais polos aqui analisados têm nos serviços o destaque (Tabela 3).

A hierarquia urbana não só denota uma quantidade maior de atividades, com maior especialização e diversificação, mas também tende a concentrar nos

principais centros as atividades mais “sofisticadas”, cuja demanda é mais rarefeita ou cuja escala mínima para viabilidade é alta demais para localidades de menor porte. Como exemplo, foram selecionados alguns dados de ensino superior e de serviços de saúde especializados e de alta complexidade, para se verificar como os polos selecionados se relacionam com esses setores (Tabela 4).

Na Tabela 5, é possível ver a dominância dessas localidades, que sediam 79% dos cursos de graduação e são responsáveis por 87% dos ingressos nesses em 2010, em todo o Estado, números consideravelmente acima de sua representatividade da população estadual, de cerca de 60%. Também estão nesses polos os centros de saúde do Estado. Somados, os polos possuem 63,4% dos leitos do Estado, semelhante à sua participação na população total. Entre-

tanto, como se vê na Tabela 6, 78,4% dos ambulatórios e dos hospitais de alta complexidade e 76,8% das clínicas e dos ambulatórios especializados, assim como 72,8% dos consultórios, encontravam-se nos principais centros urbanos do Rio Grande do Sul em 2010.

Essas localidades não apenas concentram produto e população, e servem como centros industriais, mas também servem como centros de serviços para sua região, em especial serviços mais especializados, como os exemplos do ensino superior e da oferta de serviços de saúde de maior complexidade. Esses polos são, entretanto, bastante heterogêneos em tamanho, forma e função dentro da rede urbana e/ou dentro de sua região. Na próxima seção, será feita uma breve análise sobre cada um.

Tabela 1

População dos polos selecionados em relação à do Rio Grande do Sul — 1970-2010

POLOS	1970	1980	1991	2000	2010
Porto Alegre	20,3	24,8	26,4	27,3	27,4
São Leopoldo-Novo Hamburgo	3,3	4,6	6,6	7,0	7,3
Caxias do Sul	3,6	4,4	5,0	5,5	6,2
Pelotas-Rio Grande	4,9	5,2	5,1	5,0	4,9
Passo Fundo-Marau	1,8	1,9	1,9	1,9	2,1
Santa Maria	2,3	2,3	2,4	2,4	2,4
Cruz Alta-Ijuí-Santo Ângelo-Santa Rosa	3,5	3,6	3,1	2,9	2,7
Lajeado-Estrela	1,3	1,3	1,0	0,9	1,0
Santa Cruz do Sul-Venâncio Aires	2,0	1,9	1,9	1,7	1,7
Gramado-Canela	0,4	0,5	0,5	0,6	0,7
Erechim	0,7	0,8	0,8	0,9	0,9
Uruguaiana	1,1	1,2	1,3	1,2	1,2
Santana do Livramento	1,0	0,9	0,9	0,9	0,8
Bagé	1,4	1,3	1,3	1,2	1,1
Osório	0,8	0,8	0,4	0,4	0,4
TOTAL	48,4	55,4	58,5	59,7	60,7

FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE (2014).

Tabela 2

População urbana dos polos seleccionados em relação à população urbana e à total do Rio Grande do Sul — 2000 e 2010

POLOS	POPULAÇÃO URBANA DO RS		POPULAÇÃO TOTAL DO RS	
	2000	2010	2000	2010
Porto Alegre	32,2	31,7	26,3	27,0
São Leopoldo-Novo Hamburgo	8,3	8,3	6,8	7,1
Caxias do Sul	6,0	6,8	4,9	5,8
Pelotas-Rio Grande	5,8	5,4	4,7	4,6
Passo Fundo-Marau	2,2	2,3	1,8	2,0
Santa Maria	2,8	2,7	2,3	2,3
Cruz Alta-Ijuí-Santo Ângelo-Santa Rosa	3,0	2,9	2,5	2,5
Lajeado-Estrela	1,0	1,1	0,8	0,9
Santa Cruz do Sul-Venâncio Aires	1,6	1,6	1,3	1,4
Gramado-Canela	0,7	0,7	0,5	0,6
Erechim	1,0	1,0	0,8	0,8
Uruguaiana	1,4	1,3	1,2	1,1
Santana do Livramento	1,0	0,8	0,8	0,7
Bagé	1,2	1,1	1,0	0,9
Osório	0,4	0,4	0,3	0,4
TOTAL	68,5	68,3	55,9	58,1

FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE (2014).

Tabela 3

Produto Interno Bruto dos polos seleccionados em relação ao do Rio Grande do Sul — 2000-10

POLOS		
	2000	2010
Porto Alegre	37,1	35,3
São Leopoldo-Novo Hamburgo	8,2	6,5
Caxias do Sul	8,3	8,9
Pelotas-Rio Grande	4,3	4,9
Passo Fundo-Marau	2,3	2,3
Santa Maria	1,6	1,6
Cruz Alta-Ijuí-Santo Ângelo-Santa Rosa	2,3	2,5
Lajeado-Estrela	1,1	1,2
Santa Cruz do Sul-Venâncio Aires	2,4	2,6
Gramado-Canela	0,4	0,4
Erechim	0,9	1,0
Uruguaiana	0,9	1,0
Santana do Livramento	0,5	0,4
Bagé	0,7	0,6
Osório	0,3	0,3
TOTAL	71,3	69,6

FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE (2014).

Tabela 4

Participação dos setores selecionados no Valor Adicionado Bruto dos polos selecionados no Rio Grande do Sul — 2010

(%)

POLOS	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	
		Administração Pública	Demais Serviços
Porto Alegre	30,8	12,9	56,0
São Leopoldo-Novor Hamburgo	36,4	17,3	45,8
Caxias do Sul	44,6	11,1	42,4
Pelotas-Rio Grande	28,3	15,8	52,8
Passo Fundo-Marau	24,1	12,5	60,0
Santa Maria	16,1	20,7	60,6
Cruz Alta-Ijuí-Santo Ângelo-Santa Rosa	21,2	15,4	57,6
Lajeado-Estrela	36,9	10,9	49,4
Santa Cruz do Sul-Venâncio Aires	46,6	10,2	38,3
Gramado-Canela	24,7	23,8	49,6
Erechim	38,4	12,6	47,2
Uruguaiana	13,7	22,8	44,4
Santana do Livramento	9,2	27,5	44,5
Bagé	14,8	27,0	49,5
Osório	20,3	22,3	54,8
Subtotal	32,2	13,8	52,2
Demais municípios	22,9	18,5	35,4
Total do Rio Grande do Sul	29,2	15,4	46,7

FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE (2014).

Tabela 5

Cursos de graduação e ingressantes em cursos de graduação dos polos selecionados em relação ao total do Rio Grande do Sul — 2010

(%)

POLOS	CURSOS	TOTAL DE INGRESSOS
Porto Alegre	24,40	29,62
São Leopoldo-Novor Hamburgo	6,55	11,48
Caxias do Sul	9,47	11,71
Pelotas-Rio Grande	8,81	8,63
Passo Fundo-Marau	4,62	3,79
Santa Maria	7,25	6,04
Cruz Alta-Ijuí-Santo Ângelo-Santa Rosa	5,89	4,71
Lajeado-Estrela	2,17	3,24
Santa Cruz do Sul-Venâncio Aires	3,20	3,19
Gramado-Canela	0,38	0,31
Bagé	1,70	1,32
Erechim	2,36	1,39
Santana do Livramento	0,80	0,47
Uruguaiana	0,89	0,35
Osório	0,57	0,78
TOTAL DOS POLOS	79,04	87,02
RS (número)	2.123	109.813

FONTE DOS DADOS BRUTOS: INEP (2011).

Tabela 6

Clínicas e ambulatórios especializados, de alta complexidade, e consultórios dos polos selecionados em relação aos do Rio Grande do Sul — 2010

				(%)
POLOS	ESPECIALIZADOS	ALTA COMPLEXIDADE	CONSULTÓRIOS	
Porto Alegre	35,3	22,9	25,4	
São Leopoldo-Novo Hamburgo	6,0	15,5	2,9	
Caxias do Sul	12,2	6,7	9,0	
Pelotas-Rio Grande	4,6	6,9	6,9	
Passo Fundo-Marau	6,7	4,5	4,2	
Santa Maria	2,9	2,5	5,7	
Cruz Alta-Ijuí-Santo Ângelo-Santa Rosa	2,5	7,2	5,3	
Lajeado-Estrela	2,2	2,5	2,5	
Santa Cruz do Sul-Venâncio Aires	1,0	2,8	5,1	
Gramado-Canela	0,8	0,6	1,0	
Bagé	0,5	1,5	2,2	
Erechim	1,3	1,6	0,8	
Santana do Livramento	0,6	1,2	0,6	
Uruguaiana	0,1	2,0	0,9	
Osório	0,0	0,1	0,5	
TOTAL DOS POLOS	76,8	78,4	72,8	
RS (número)	2.047	685	9.141	

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Brasil (2014).

4 Estrutura econômica dos polos

Nesta seção, serão analisados mais detalhadamente os polos, buscando entender sua estrutura interna. Analisa-se a participação de cada polo e de cada um de seus municípios no PIB e na população estadual em 2010, assim como na geração de impostos, na indústria e nos serviços (separadamente entre administração pública e demais serviços). É apresentada, também, a participação da indústria e dos serviços (separadamente entre administração pública e demais serviços) dentro do VAB total de cada polo, para 2000 e 2010. Nos polos de quarta ordem, de menor escala e maior importância do setor agropecuário em relação aos demais polos, acrescenta-se a participação da atividade primária no total da agropecuária estadual e no VAB local.

4.1 Polo de primeira ordem: Porto Alegre

O polo de primeira ordem está centrado na Capital do Estado, e conta ainda com outros 11 municípios: Alvorada, Cachoeirinha, Canoas, Eldorado do Sul, Esteio, Gravataí, Guaíba, Nova Santa Rita, Sa-

pucaia do Sul, Triunfo e Viamão. São locais no imediato entorno da Capital, ou com uma atividade econômica cuja dinâmica é, em grande parte, determinada por esse polo, como, por exemplo, Triunfo, cujo Polo Petroquímico ali se localiza, em grande parte, por sua proximidade a Porto Alegre. Esse polo, em 2010, concentrava 27,4% da população e 35,3% do PIB do Estado. Isso faz com que seu PIB *per capita* esteja consideravelmente acima da média estadual, R\$ 30,4 mil em 2010, enquanto o PIB *per capita* do Rio Grande do Sul foi de R\$ 23,6 mil. Deve-se destacar, no entanto, que a apropriação desse PIB pela região é limitada, pois o polo contribuiu, em 2010, com 43,2% dos impostos, enquanto recebeu 28,6% dos gastos da administração pública (Tabela 7).

Em termos setoriais, o conjunto de municípios destaca-se por produzir 36% do VAB industrial e 40,9% do VAB de serviços (excluindo a administração pública), indicando a forte centralidade exercida no Estado. Enquanto Porto Alegre, centro industrial do Rio Grande do Sul durante o século XX, tornou-se uma cidade de serviços nas últimas décadas desse (Alonso, 2004) — responsável no Estado por quase 24,8% —, Canoas, Gravataí e Triunfo destacam-se como polos industriais importantes. Outras cidades do polo também tendem a ter um perfil industrial, como Cachoeirinha, Guaíba, Sapucaia do Sul.

Entre 2000 e 2010, destaca-se o crescimento da participação da administração pública em diversos

municípios desse polo. Em parte, isso reflete um desempenho relativamente fraco dos demais setores. Há casos, como Canoas e Esteio, por exemplo, que têm crescimento significativo na participação dos demais serviços, e Guaíba, Gravataí, Sapucaia têm participação maior da indústria. Porto Alegre tem queda na participação dos demais serviços, compensada pelo aumento da administração pública. A indústria apresenta pequeno aumento, indicando uma possível estabilização no processo de desindustrialização do município (Tabela 8).

Cidades industriais como Canoas (cuja indústria compete em tamanho absoluto com Porto Alegre) e Esteio apresentam aumento na participação dos demais serviços e queda na participação do Setor Secundário, colocando em questão se essas também estariam em um processo semelhante ao de Porto Alegre. Devem-se considerar, também, o aumento da renda no período e a evolução industrial das cidades gerando poder aquisitivo e atraindo serviços como um possível fator atuante.

Tabela 7

Participação dos municípios do polo de Porto Alegre, por variáveis selecionadas, no Rio Grande do Sul — 2010

MUNICÍPIOS	PIB	IMPOSTOS	INDÚSTRIA	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	DEMAIS SERVIÇOS	POPULAÇÃO
(%)						
Polo de Porto Alegre	35,3	43,2	36,0	28,6	40,9	27,42
Porto Alegre	17,0	21,3	8,7	14,7	24,8	13,18
Canoas	6,6	7,2	8,3	3,1	7,6	3,03
Gravataí	2,8	3,4	5,2	2,3	1,7	2,39
Triunfo	2,3	2,1	6,1	0,4	0,9	0,24
Cachoeirinha	1,7	4,7	1,5	1,1	1,4	1,11
Esteio	1,0	1,1	0,8	0,8	1,4	0,76
Guaíba	1,0	1,2	1,9	0,8	0,6	0,89
Sapucaia do Sul	0,9	0,8	1,6	1,2	0,7	1,22
Viamão	0,9	0,6	0,8	2,0	0,7	2,24
Alvorada	0,6	0,3	0,4	1,6	0,5	1,83
Eldorado do Sul	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	0,32
Nova Santa Rita	0,2	0,2	0,2	0,2	0,3	0,21

FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE (2014).

Tabela 8

Participação da indústria, da administração pública e dos serviços no Valor Adicionado Bruto municipal, por municípios, do polo de Porto Alegre — 2000 e 2010

MUNICÍPIOS	INDÚSTRIA		SERVIÇOS			
			Administração Pública		Demais Serviços	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Polo de Porto Alegre.....	30,7	30,8	10,1	12,9	58,8	56,0
Porto Alegre	15,1	15,6	10,7	13,8	74,2	70,6
Canoas	46,4	37,7	5,8	7,4	47,8	54,9
Gravataí	47,1	56,5	14,7	13,1	37,7	30,1
Triunfo	80,6	77,6	1,7	2,9	16,7	18,3
Cachoeirinha	39,7	34,9	11,3	13,5	49,0	51,6
Esteio	30,2	22,3	8,4	12,0	61,3	65,7
Guaíba	43,1	57,4	15,3	13,6	40,0	27,7
Sapucaia do Sul	19,8	25,3	26,6	32,4	47,4	37,0
Viamão	52,9	48,3	12,0	19,4	35,1	32,3
Alvorada	17,7	20,9	31,4	38,8	50,8	40,2
Eldorado do Sul	65,2	28,4	8,0	17,6	24,4	48,3
Nova Santa Rita	53,9	30,2	12,3	14,3	29,5	52,5

FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE (2014).

4.2 Polos de segunda ordem: Serra e Vale do Sinos

São dois os polos de segunda ordem, ambos relativamente próximos ao de primeira ordem: o da Serra, centrado em Caxias do Sul, e o do Vale do Sinos, centrado nos Municípios de Novo Hamburgo e São Leopoldo.

O polo de Caxias do Sul, além do município homônimo, contém quatro municípios: Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Farroupilha e Garibaldi. Estes, somados, contêm 6,2% da população e 8,9% do PIB estadual. Sem dúvidas, trata-se de um polo industrial: a indústria local responde por 13,2% da produção industrial do Estado, com Caxias do Sul como maior centro industrial sul-rio-grandense (Tabela 9).

Todas as cidades têm uma participação da indústria no VAB bastante acima da média inclusive dos demais polos, tornando essa a aglomeração produtiva com mais perfil industrial no Estado. Apenas Caxias do Sul, entretanto, apresenta aumento da participação da indústria no seu VAB, no período, enquanto os demais municípios têm pequenas perdas — a partir de um patamar sempre alto, destaca-se. Cresce, em contrapartida, o papel da administração pública no VAB de todas as localidades, e apenas em Bento Gonçalves e Garibaldi os demais serviços aumentam em papel na economia (Tabela 10).

O polo do Vale do Sinos, por sua vez, contém 11 municípios: as duas centralidades de São Leopoldo e Novo Hamburgo, e as cidades de Araricá, Campo Bom, Dois Irmãos, Estância Velha, Ivoti, Nova Hartz, Parobé, Portão e Sapiranga. O núcleo desse polo faz parte da Região Metropolitana de Porto Alegre, mas analisar a RMPA como um conjunto único diminuiria o valor analítico do trabalho. Como apontam Paiva, Alonso e Tartaruga (2010) e Breitbach (2005), a formação histórica da economia do Vale do Sinos, ainda que bastante interligada, ocorreu de forma relativamente independente da de Porto Alegre. Com a expansão de ambos, o que eram dois polos distintos tornou-se uma conurbação; ainda assim, são centros econômicos com dinâmicas próprias. Com 7,3% da população e 6,5% do PIB, o polo do Vale do Sinos é uma região de PIB *per capita* abaixo da média estadual. Cabe considerar-se que a última década foi de crise na principal indústria da região, a de calçados, de grande impacto na economia do polo. A crise recente, além disso, não chegou a impactar na tendência crescente da população, mesmo com PIB em

relativa estagnação, levando à queda do PIB *per capita* pelo aumento populacional também (Tabela 11).

Ainda assim, o polo segue tendo um caráter majoritariamente industrial: 8% do Valor Adicionado Bruto industrial do Rio Grande do Sul foram produzidos ali em 2010. Ainda que, em termos absolutos, São Leopoldo e Novo Hamburgo continuem sendo as cidades da região com maior importância na indústria estadual, as cidades da região com maior perfil industrial não são mais essas: Campo Bom, Estância Velha, Portão e Sapiranga apresentam participação no VAB industrial estadual consideravelmente maior que no PIB como um todo. Novo Hamburgo apresentou, em 2010, uma participação no VAB industrial menor que no PIB, evidenciando sua crise. São Leopoldo ainda tem mais peso para o Estado em sua indústria do que no PIB como um todo, mas não significativamente. Em contrapartida, as duas grandes cidades do polo não apresentam participação nos serviços muito acima de seus PIBs. Não se pode notar uma transformação semelhante à de Porto Alegre, antigo centro industrial que se tornou uma cidade de serviços cercada por centros industriais: São Leopoldo e Novo Hamburgo continuam sendo centros industriais, mas com uma indústria em crise (Tabela 12).

Analisando a participação dos setores, nota-se uma queda significativa na proporção da indústria em todos os municípios, exceto São Leopoldo, cuja perda significativa é nos demais serviços, por se tratar do centro fornecedor de serviços da região. O tamanho do aumento do papel da administração pública é mais sinal do fraco desempenho dos demais setores, com o tamanho fixo da administração tendo peso maior em uma economia enfraquecida pela crise estrutural do setor de calçados.

Tabela 9

Participação dos municípios do polo da Serra, por variáveis selecionadas, no Rio Grande do Sul — 2010

(%)

MUNICÍPIOS	PIB	IMPOSTOS	INDÚSTRIA	SERVIÇOS		POPULAÇÃO
				Administração Pública	Demais Serviços	
Polo da Serra	8,9	10,2	13,2	6,3	7,9	6,19
Caxias do Sul	6,2	7,1	9,5	4,2	5,5	4,07
Bento Gonçalves	1,2	1,4	1,6	1,0	1,2	1,00
Carlos Barbosa	0,7	0,9	0,8	0,6	0,6	0,60
Farroupilha	0,4	0,4	0,7	0,3	0,3	0,29
Garibaldi	0,4	0,4	0,6	0,2	0,2	0,24

FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE (2014).

Tabela 10

Participação da indústria e dos serviços no Valor Adicionado Bruto municipal, por municípios, do polo da Serra — 2000 e 2010

(%)

MUNICÍPIOS	INDÚSTRIA		SERVIÇOS			
			Administração Pública		Demais Serviços	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Polo da Serra	41,5	44,6	8,8	11,1	46,7	42,4
Caxias do Sul	39,7	45,8	9,1	10,5	49,2	42,4
Bento Gonçalves	44,4	39,0	8,5	12,6	44,5	46,0
Carlos Barbosa	51,7	50,0	8,4	10,4	34,5	33,5
Farroupilha	38,9	37,2	8,3	13,9	46,1	44,2
Garibaldi	52,1	49,6	8,2	10,9	33,9	34,8

FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE (2014).

Tabela 11

Participação dos municípios do polo do Vale do Sinos, por variáveis selecionadas, no Rio Grande do Sul — 2010

(%)

MUNICÍPIOS	PIB	IMPOSTOS	INDÚSTRIA	SERVIÇOS		POPULAÇÃO
				Administração Pública	Demais Serviços	
Polo do Sinos	6,5	6,5	8,0	7,3	6,3	7,33
Novo Hamburgo	2,1	2,8	2,0	2,2	2,3	2,23
São Leopoldo	1,6	1,3	1,9	2,1	1,7	2,00
Campo Bom	0,6	0,6	0,9	0,6	0,6	0,56
Sapiranga	0,5	0,4	0,8	0,7	0,5	0,70
Estância Velha	0,3	0,3	0,5	0,4	0,3	0,40
Portão	0,3	0,2	0,5	0,3	0,2	0,29
Dois Irmãos	0,3	0,3	0,4	0,2	0,3	0,26
Parobé	0,3	0,2	0,3	0,5	0,2	0,48
Ivoti	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,19
Nova Hartz	0,2	0,2	0,3	0,2	0,1	0,17
Araricá	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,05

FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE (2014).

Tabela 12

Participação da indústria e dos serviços no Valor Adicionado Bruto municipal, por municípios, do polo do Vale do Sinos — 2000 e 2010

MUNICÍPIOS	INDÚSTRIA		SERVIÇOS			
			Administração Pública		Demais Serviços	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Polo do Sinos	44,6	36,4	10,2	17,3	44,8	45,8
São Leopoldo	29,2	33,5	13,7	18,9	57,1	47,5
Novo Hamburgo	37,6	28,9	10,0	16,8	52,2	53,9
Araricá	45,1	40,1	20,3	23,5	32,6	33,1
Campo Bom	55,2	43,2	7,4	13,9	37,3	42,7
Dois Irmãos	59,8	42,7	6,9	13,2	32,3	42,9
Estância Velha	53,3	41,6	10,8	17,9	35,4	40,0
Ivoti	56,4	38,1	5,9	15,1	36,9	45,5
Nova Hartz	63,0	57,2	9,4	14,7	26,5	27,3
Parobé	57,7	37,3	10,8	25,7	30,9	35,8
Portão	64,3	50,3	7,1	14,4	27,5	32,8
Sapiranga	51,8	42,9	10,9	18,1	36,7	38,6

FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE (2014).

4.3 Polos de terceira ordem: Pelotas-Rio Grande, Passo Fundo-Marau e Santa Maria

Os polos de terceira ordem são três. Ao contrário dos de primeira e de segunda ordem, todos no nordeste do Estado, encontram-se em diferentes regiões: Pelotas-Rio Grande no sudeste, Passo Fundo-Marau no norte, Santa Maria no centro-oeste. Juntos, correspondem a 9,4% da população, 8,8% do PIB e apenas 7,2% da indústria do Estado.

O polo de Pelotas e Rio Grande é formado por dois centros bastante distintos: Pelotas tem, nos serviços públicos de educação e saúde e nos demais serviços, o centro de sua economia, representando 2,8% dos gastos da administração pública no Estado. Enquanto isso, Rio Grande tem uma economia industrial voltada ao seu polo naval e ao porto. Graças a estes, Rio Grande gera 6,4% dos impostos do Estado, enquanto é responsável por 3,1% do PIB, indicando que uma parte importante das riquezas produzidas na cidade não é apropriada localmente. Em conjunto, formam um polo que não pode ser caracterizado como fortemente industrial ou de serviços, mas sim uma configuração cuja complementaridade interna confere uma dinâmica importante para os municípios (Tabela 13).

O polo em que se encontram Passo Fundo e Marau também é formado por duas cidades distintas com diversas complementaridades: Marau apresenta-

-se como um centro industrial, com apenas 0,5% do PIB estadual, mas 0,9% da indústria. Por sua vez, Passo Fundo é uma cidade mais voltada para os serviços, setor em que responde por 2,7% do PIB estadual. Destaca-se que essas cidades, ao contrário de Pelotas e Rio Grande, têm portes bastante distintos. Ainda que menos importante na dinâmica interna, em termos absolutos a indústria de Passo Fundo é, inclusive, maior que a de Marau.

Santa Maria tem sido tradicionalmente uma cidade de serviços, pela localização no antigo centro de convergência ferroviária do Estado, além da presença do Exército, e instalação da Universidade Federal. Tal característica se demonstra na estrutura produtiva da cidade, que tem 2,3% do VAB da administração pública no Estado e 2,2% dos demais serviços, enquanto sua indústria responde por apenas 0,9% da estadual. Não há, nesse caso, municípios no entorno que se somem a Santa Maria na polarização local (Tabela 14).

Santa Maria apresenta queda na participação nos serviços e expansão da indústria, ao contrário dos outros dois polos, que têm queda na participação da indústria em seus VABs. O polo de Passo Fundo-Marau cresce em participação nos demais serviços, graças ao crescimento expressivo do setor no Município de Marau. Rio Grande vê a indústria crescer abaixo do VAB municipal, assim como Pelotas em relação aos demais serviços, ambas com aumento significativo no papel da administração pública.

Tabela 13

Participação dos municípios dos polos de terceira ordem, por variáveis selecionadas, no Rio Grande do Sul — 2010

POLOS	PIB	IMPOSTOS	INDÚSTRIA	SERVIÇOS		POPULAÇÃO
				Administração Pública	Demais Serviços	
Pelotas-Rio Grande	4,9	7,6	4,3	4,6	5,0	4,91
Rio Grande	3,1	6,4	3,1	1,8	2,8	1,84
Pelotas	1,8	1,2	1,2	2,8	2,2	3,07
Passo Fundo-Marau	2,3	1,8	2,0	1,9	3,0	2,07
Passo Fundo	1,8	1,5	1,1	1,6	2,7	1,73
Marau	0,5	0,3	0,9	0,3	0,3	0,34
Santa Maria	1,6	1,1	0,9	2,3	2,2	2,44

FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE (2014).

Tabela 14

Participação da indústria e dos serviços no Valor Adicionado Bruto dos municípios dos polos de terceira ordem no Rio Grande do Sul — 2000 e 2010

MUNICÍPIOS	INDÚSTRIA		SERVIÇOS			
			Administração Pública		Demais Serviços	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Pelotas-Rio Grande	29,1	28,3	12,7	15,8	55,6	52,8
Rio Grande	36,7	35,2	9,3	10,6	51,6	51,2
Pelotas	21,2	19,0	16,3	22,7	59,6	55,1
Passo Fundo-Marau	27,8	24,1	9,5	12,5	58,9	60,0
Passo Fundo	18,8	16,8	10,5	13,2	68,2	68,1
Marau	57,2	49,9	6,2	9,9	28,4	31,1
Santa Maria	14,5	16,1	16,5	20,7	66,4	60,6

FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE (2014).

4.4 Polos de quarta ordem

São nove os polos de quarta ordem e estão distribuídos por diversas regiões do Estado. Somados, possuíam 10,3% da população, 10,1% do PIB, 10,2% da indústria e 10,2% dos serviços do Estado no ano de 2010. Mais do que indicar uma característica comum, essa semelhança indica uma possível complementaridade entre eles, servindo à rede urbana do Estado, mas também à distribuição da economia regional de forma mais ampla.

No noroeste, um polo é formado por quatro municípios próximos, nenhum de grande porte ou exercendo grande polarização, mas com estruturas econômicas similares e, em conjunto, respondendo por 2,5% do PIB estadual e 3,2% dos demais serviços, despontando como centros de serviços para a economia agropecuária da região, especialmente Ijuí e Cruz Alta. Santa Rosa, por sua vez, destaca-se como a principal força industrial entre eles.

O polo de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires destaca-se como importante centro industrial, com 4% do VAB desse setor no Estado. Um pouco ao norte, o polo de Lajeado e Estrela também é essencialmente industrial, produzindo 1,2% do PIB e 1,6% do VAB da indústria do Estado. Ambos também se destacam nos demais serviços como centros de ensino superior. Erechim, no extremo norte, também tem uma indústria proporcionalmente importante, com 1,3% do produto estadual (Tabela 15).

Gramado e Canela, assim como Osório, não apresentam grande destaque setorial. No primeiro caso, são cidades com uma indústria tradicional e um setor de serviços importante — especialmente o turístico, mas de menor porte. Osório destaca-se pela centralidade exercida no Litoral Norte, mas não se destaca como centro produtivo estadual.

As cidades do Sudoeste do Estado — Bagé, Santana do Livramento, Uruguaiana — apresentam indústrias pouco relevantes, e, pela grande área desses municípios, têm na agropecuária a maior partici-

pação na economia estadual. Destacam-se, ainda assim, como centros urbanos de serviços da região. Uruguiana, devido à localização na fronteira por onde passa a maior parte do comércio rodoviário Brasil-Argentina, tem uma importante receita de impostos, 3,2% do total estadual, recursos que, na sua maioria, não são apropriados pela economia local (Tabela 16).

O polo dos quatro municípios do Noroeste vê aumentar o tamanho de sua indústria em relação aos demais setores, assim como Erechim, refletindo o desenvolvimento do complexo agroindustrial na região. Osório também vê a indústria tornar-se mais importante internamente, enquanto os demais polos apresentam estabilidade ou pequena queda da participação da indústria nos seus VABs. Como nos polos de maior ordem, a administração pública cresce em todas as localidades; os demais serviços têm queda em todos os polos de quarta ordem, exceto o de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires.

Vê-se diminuir o papel da agropecuária em todos os polos, exceto Uruguiana e Santana do Livramento, onde tem aumento substancial. Deve-se relativizar esse dado, uma vez que, em 2000, houve um desempenho ruim da safra de arroz, principal produto da região, puxando para baixo o VAB agropecuário no

ano. O que se pode notar é que esses dois polos e Bagé são os que mais dependem da produção agropecuária. Os demais, em especial o do Noroeste, ainda que centrados na agropecuária em 2000, têm menor participação relativa do setor, e diminuição relativa dessa no período. O Município de Cruz Alta, por exemplo, vê participação do VAB agropecuário no VAB total cair de 15,4% para 6% em 10 anos. Deve-se entender, no entanto, as particularidades: no sul do Estado, encontram-se poucos municípios, com áreas mais extensas que no norte e noroeste. Os poucos centros urbanos comandam uma produção agropecuária própria. Nos demais polos, em municípios de menor área, esses centros urbanos comandam, a partir de sua indústria e de seus serviços, a produção agropecuária de outras dezenas de pequenos municípios de seu entorno. Ademais, os polos do Norte e Noroeste situam-se em uma região onde a expansão do agronegócio é anterior, sendo menos significativa a evolução recente na produção agropecuária e mais importante o crescimento de uma indústria e de serviços voltados para atender às demandas do setor; enquanto, no sul do Estado, a mecanização da produção e o cultivo da soja expandem-se mais recentemente, gerando expansão expressiva desse setor.

Tabela 15

Participação dos municípios dos polos de quarta ordem, por variáveis selecionadas, no Rio Grande do Sul — 2010

POLOS	PIB	IMPOSTOS	INDÚSTRIA	AGROPECUÁRIA	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	POPULAÇÃO
Santa Cruz-Venâncio Aires	2,6	3,5	4,0	1,4	1,7	1,72
Santa Cruz do Sul	1,9	3,0	2,8	0,6	1,1	1,11
Venâncio Aires	0,7	0,5	1,2	0,8	0,6	0,62
Cruz Alta-Ijuí-Santo Ângelo-Santa Rosa	2,5	1,9	1,9	1,7	2,6	2,68
Cruz Alta	0,7	0,6	0,4	0,5	0,6	0,59
Ijuí	0,7	0,5	0,4	0,5	0,8	0,74
Santo Ângelo	0,5	0,3	0,4	0,4	0,7	0,71
Santa Rosa	0,6	0,5	0,8	0,4	0,6	0,64
Lajeado-Estrela	1,2	1,1	1,6	0,4	0,9	0,95
Lajeado	0,9	0,8	1,0	0,1	0,6	0,67
Estrela	0,4	0,3	0,6	0,3	0,3	0,29
Uruguiana	1,0	3,2	0,3	1,6	1,1	1,17
Erechim	1,0	0,8	1,3	0,2	0,8	0,90
Bagé	0,6	0,3	0,3	0,6	1,1	1,09
Gramado-Canela	0,4	0,3	0,4	0,1	0,7	0,67
Gramado	0,3	0,3	0,2	0,1	0,3	0,30
Canela	0,2	0,1	0,1	0,0	0,4	0,37
Santana do Livramento	0,4	0,3	0,1	0,9	0,7	0,77
Osório	0,3	0,2	0,2	0,1	0,5	0,38

FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE (2014).

Tabela 16

Participação da agropecuária, da indústria e dos serviços no Valor Adicionado Bruto municipal, dos polos de quarta ordem — 2000 e 2010

MUNICÍPIOS	AGROPECUÁRIA		INDÚSTRIA		SERVIÇOS			
					Administração Pública		Demais Serviços	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Cruz Alta-Ijuí-Santo Ângelo-								
-Santa Rosa	8,4	5,8	19,6	21,2	13,2	15,4	58,8	57,6
Cruz Alta	15,4	6,0	14,6	16,3	13,5	12,3	56,5	65,4
Ijuí	7,0	5,6	17,0	13,8	11,6	16,1	64,4	64,5
Santo Ângelo	5,8	6,3	13,6	20,0	15,5	19,1	65,1	54,6
Santa Rosa	5,8	5,1	32,3	36,0	12,9	15,1	49,0	43,8
Lajeado-Estrela	3,5	2,8	39,6	36,9	9,8	10,9	47,1	49,4
Lajeado	2,3	0,9	39,4	33,6	9,8	11,0	48,5	54,5
Estrela	6,4	7,1	40,0	44,0	9,6	10,8	44,0	38,1
Santa Cruz do Sul-Venâncio								
Aires	6,1	4,9	46,3	46,6	9,0	10,2	38,6	38,3
Santa Cruz do Sul	4,1	2,8	47,5	46,8	8,4	9,7	40,0	40,7
Venâncio Aires	11,1	9,3	43,5	46,3	10,2	11,6	35,2	32,8
Gramado-Canela	3,7	1,9	24,7	24,7	16,9	23,8	54,7	49,6
Gramado	4,2	1,9	26,6	28,8	13,5	19,6	55,7	49,7
Canela	3,0	2,1	22,4	19,0	21,0	29,5	53,6	49,4
Erechim	4,1	1,8	30,9	38,4	10,0	12,6	55,0	47,2
Uruguaiana	10,8	19,1	21,5	13,7	15,3	22,8	52,4	44,4
Santana do Livramento	13,8	18,8	10,8	9,2	18,8	27,5	56,6	44,5
Bagé	9,1	8,7	15,9	14,8	18,3	27,0	56,7	49,5
Osório	3,1	2,6	18,0	20,3	16,4	22,3	62,5	54,8

FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE (2014).

5 Considerações finais

Neste trabalho, buscou-se apontar a importância dos principais centros produtivos e urbanos para a economia do Rio Grande do Sul e entender algumas características básicas que eles têm em comum, mas também como se diferenciam e exercem diferentes funções na rede urbana e nas suas regiões, e como se distribuem no Estado.

Uma primeira consideração relativa à distribuição dos polos, já apontada em Paiva, Alonso e Tartaruga (2010), mas que merece ser ressaltada, é o fato de esses estarem, em grande parte, em regiões de transição entre regiões econômicas e geográficas distintas do Estado. Isso indica o papel histórico da formação dessas localidades como convergência de diferentes arranjos produtivos, e não como centralidades para algum arranjo. Constatou-se, também, uma concentração dos polos, em especial os de maior ordem, no nordeste do Estado, em uma área entre Santa Cruz do Sul, Caxias do Sul, Osório e Porto Alegre, onde se encontram o polo de primeira ordem, os dois polos de segunda ordem e quatro polos de quarta ordem.

Dentro do esperado, os polos são, na sua base, centros de serviços, e, em menor grau, centros industriais, com algumas exceções onde a indústria centraliza a atividade econômica local. Nos polos de maior ordem, entretanto, vê-se uma divisão interna de funções, como Porto Alegre servindo de centro de serviços cercada por cidades majoritariamente industriais, ou os casos São Leopoldo-Novo Hamburgo, Pelotas-Rio Grande, Passo Fundo-Marau, em que a primeira cidade caracteriza-se como majoritariamente de serviços e a segunda, como centro industrial, complementando-se e formando um polo misto, em que nenhum dos setores tem uma relevância maior. É exceção o polo da Serra, centralizado por Caxias, em que todos os municípios têm perfil essencialmente industrial, e Santa Maria, polo de um município cuja indústria tem pouca relevância, caracterizado como essencialmente de serviços, públicos e privados.

A evolução na estrutura interna das principais centralidades do Estado, entre 2000 e 2010, indica pouco aprofundamento dos seus papéis: os polos, e também os municípios, em sua maioria, perderam ou mantiveram a participação do seu setor mais importante nas suas economias. Cabe analisar-se com mais cuidado esse fenômeno, mas indica não haver

grandes transformações ocorrendo em relação às suas funções.

Espera-se, com este trabalho, impulsionar pesquisas que aprofundem questões relativas às principais centralidades econômicas e demográficas do Rio Grande do Sul, em especial no sentido de compreender como essas comandam a economia do Estado e se relacionam com os demais municípios.

Referências

ALONSO, J. A. F. Efeitos da reestruturação produtiva na dinâmica da Região Metropolitana de Porto Alegre. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, n. 11, p. 9-40, 2004.

ALONSO, J. A. F. A emergência de aglomerações não metropolitanas no Rio Grande do Sul. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 77-93, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portal do DATASUS**. 2014. Disponível em: <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

BREITBACH, A. C. M. Entre especialização e diversificação industrial: por um desenvolvimento regional sustentável. **Perspectiva Econômica**, São Leopoldo, v. 1, n. 2, p. 1-30, jul./dez. 2005.

CHRISTALLER, W. **Central places in southern Germany**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1966.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER (FEE). **FEEDADOS**. 2014. Disponível em: <<http://feedados.fee.tche.br/feedados/>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

HIRSCHMAN, A. O. **The strategy of economic development**. New Haven: Yale University Press, 1972.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Regiões de influência das cidades**: 2007. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS (Brasil) (INEP). **Censo da Educação Superior 2010**. 2011. Disponível em: <<portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais/>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

JACOBS, J. **The economy of cities**. New York: Random House, 1969.

LAZZARI, M. R. A economia gaúcha na visão das Contas Regionais — 1981-2009. In: CONCEIÇÃO, O. A. C. et al. (Org.). **O movimento da produção**. Porto Alegre: FEE, 2010. (Três décadas de economia gaúcha, v. 2). p. 1-15.

LAUTERT, V. A dinâmica da concentração geográfica da indústria no Rio Grande do Sul: 1872 a 2000. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 26, n. esp., p. 37-62, 2005.

LÖSCH, A. The Nature of Economic Regions. In: FRIEDMANN, J.; ALONSO, W. **Regional development and planning: a reader**. Cambridge: MIT Press, 1975. p. 97-105

MAMMARELLA, R.; BARCELLOS, T. M. de. O fenômeno aglomerativo no Rio Grande do Sul: panorama atual. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 117-136, 2008.

MYRDAL, G. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas**. Rio de Janeiro: Saga, 1968.

PAIVA, C. A.; ALONSO, J. A.; TARTARUGA, I. P. Em busca de uma divisão regional mais compatível com as múltiplas necessidades da pesquisa e do planejamento. In: CONCEIÇÃO, O. A. C. et al. (Org.). **O ambiente regional**. Porto Alegre: FEE, 2010. (Três décadas de economia gaúcha, v. 1). p. 126-159.

PERROUX, F. **A Economia do Século XX**. Porto: Herder, 1967.

PESAVENTO, S. J. **RS: agropecuária colonial e industrialização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

PORSSE, A. A. **Notas metodológicas sobre o dimensionamento do PIB do agronegócio do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FEE, 2003. (Documentos FEE, n. 55).

VON THÜNEN, J. H. **The isolated state**. Oxford: Pergamon Press, 1966.

WEBER, A. **Theory of the location of industries**. Chicago: Chicago University Press, 1969.